

NIETZSCHE E A DANÇA: O CORPO COMO OBRA DE ARTE

Raquel Rodrigues Rocha¹

Para minhas irmãs de dança

RESUMO: O texto aborda a temática da dança no pensamento nietzschiano a partir das obras: *O nascimento da tragédia* e *Assim falou Zaratustra*. A intenção é apontar como é possível pensar a dança e o corpo como elementos da constituição da vida como obra de arte. Percebe-se que na relação estabelecida entre a dança e a filosofia de Nietzsche, a leveza da dança permite ao homem livrar-se do peso dos valores morais da sociedade e dessa forma, transformar a vida a partir da arte. A fruição estética provocada pela dança transporta o homem para um retorno ao uno primordial -- um estado de encontro com a natureza, intenso e infinito -- onde encontra-se a força artística delineada pelo filósofo, a partir da qual pensaremos o corpo como expressão da vida obra de arte. Na estética estabelecida pelo apolíneo e o dionisíaco, bem como na metáfora da dança a superação do homem se dá no movimento de transvaloração dos valores e do peso da existência guiados pelo corpo que se lança na cadência da dança.

PALAVRAS-CHAVE: Dionisíaco; Apolíneo; Dança; Corpo; Arte.

ABSTRATC: The text approaches the theme of dance in Nietzschean thought from the Works: The birth of tragedy and Thus spoke Zarathustra. The intention is to point out how it is possible to think of dance and the body as elements of the constitution of life as a work of art. It can be seen that in the relationship established between Nietzsche's dance and philosophy, the lightness of the dance allows man to free himself from the weight of society's moral values and in this way, being able to transform life based on art. The aesthetic fruition caused by the dance that transports man to a return to the primordial one -- a state of encounter with nature, intense and infinite -- where the artistic force delineated by philosopher is found, from which we will think of the body as expression of life work of art. In the aesthetics established by the Apollonian and the Dionysian, as well as in the dance

¹ Doutora em Filosofia (UFRJ). Pesquisadora do Núcleo de Filosofia Francesa Contemporânea (NuFFC -UFRJ). E-mail: raquelrocharodrigues9@gmail.com.

mataphor, the overcoming of man occurs in the movement of values and weight of existence guided by the body that is launched in the dance cadence.

KEYWORDS: Dionysian; Apollonian; Dance; Body; Art.

É necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração se torne causa formal para que a obra de arte tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz. (Bachelard)

“ Só como fenômeno estético, a existência e o mundo aparecem eternamente justificados”. É com essa passagem escrita por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* que estabelecemos o ponto de partida e, talvez, de chegada do presente texto. Nossa intenção é apresentar a relação entre o pensamento nietzschiano acerca da concepção de vida como obra de arte, apontando a dança como expressão do corpo enquanto impulso artístico da natureza, uma vontade de potência, um devir arte. Em Nietzsche, o espírito dançarino com sua leveza e liberdade conduz o homem em sua jornada justificando a sua existência como fenômeno estético do corpo dançante. A dança perpassa a construção do pensamento nietzschiano desde seus primeiros escritos, quando a dança é usada para exemplificar o espírito dionisíaco, até a fase em que, para o autor, já não se interessam as expressões artísticas que não dialoguem com a dança. “(...) somente o espírito dançarino e leve pode abrir caminho para o caminho que conduz ao além-do-homem”. (Santiago Guervos, 2003, p. 84)

De início, é válido destacar que não se trata de uma análise fechada e aprofundada do pensamento nietzschiano a respeito da arte da dança como forma de vida, porém uma proposta de caráter ensaístico acerca da dança e do corpo como obra de arte. Trata-se mais de uma dança de improviso coordenado² entre as palavras e o pensamento, tomando a filosofia de Nietzsche como norte teórico.³ Mais especificamente, utilizamos as concepções de dionisíaco, apolíneo presentes n’ *O nascimento da tragédia*, bem como a metáfora da dança presente em *Assim Falou*

² O improviso coordenado faz referência a modalidade de dança *Americam Tribal Style*, presente no *Tribal Style Bellydance* criado pela bailarina Carolena Nericcio.

³ O presente texto resulta de algumas inquietudes filosófico-artísticas na tentativa de conciliação entre a dançarina e a filósofa que coabitam no corpo da autora.

Zarathustra, para pensar a relação entre corpo e dança na construção de uma vida obra de arte a partir da metáfora da superação do homem e da relação destruição-criação entre o apolíneo e o dionisíaco.

Em Nietzsche, a questão “O que é a arte?” vai de encontro à indagação pelo sentido próprio da vida, e é na sua resposta que a vida justifica-se enquanto fenômeno estético.⁴ Pensando na vida enquanto fenômeno estético vislumbramos a dança como expressão da natureza, uma potência emocional que, através dos corpos dionisíacamente embriagados, conduz à força do ato de criação da vida como obra de arte. É no movimento de expressão e criação da vida que a arte que deixa de ser metáfora para tornar-se possibilidade, modo de existência. Nesse contexto, cabe então indagar: Em qual ponto o homem deixa de ser artista e torna-se obra de arte? Quando a dança (a arte) deixa de ser uma metáfora da vida e torna-se possibilidade de criação de si mesmo? São essas questões que tentaremos responder. O primeiro passo aqui é compreender que existem níveis interpretativos da dança em Nietzsche, a saber: o nível do pensamento que nos apresenta a dança como alegoria, metáfora que guia o homem para superação de si mesmo; o nível da constituição de uma estética dionisíaca, da liberdade e leveza de dançar a vida; e, por fim, o nível da dança como expressão artística por excelência (presente em *Zarathustra*).⁵

Nossa hipótese inicial é que a dança deixa de ser uma metáfora da vida para transformar a vida em obra de arte no momento em que ela, a dança, é tomada pela embriaguez dionisíaca, quando o impulso artístico da natureza é mais forte que a presença apolínea. Em suma, é quando o fruir da arte transborda pelo corpo que o homem, diluindo-se em sua dança, torna-se parte da natureza, parte de um uno primordial, celebrando a vida livre das contradições da existência, um devir que faz o homem “tornar-se o que é”, tal como destaca Rosa Dias: “ A essa ação dionisíaca, Nietzsche dá o nome da arte de ‘Como tornar-se o que é’ (*Wie man wird, was man ist*).” (2001, p. 98). Nesse sentido, ao sair do campo da metáfora, o homem, o filósofo que dança, se deixa embriagar tomado pelo impulso da natureza, torna-se obra de arte.

A metáfora da dança

Ao relacionar a vida com a arte, Nietzsche lança mão da imagem metafórica do homem que dança como uma saída para suportar a própria existência. Para o filósofo, a arte emprega na vida

⁴ Ver aqui DIAS, 2011, p, 85.

⁵ Ver aqui SANTIAGO GUERVOS, 2003 In: Cadernos Nietzsche.

o caráter de suportável, fuga da realidade via metafísica, o caminho pelo qual o ser humano encontra o suporte para encarar a vida. É a força artística que transforma as imagens, as formas, os sons, os movimentos em um modo de vida “vivível”, isto é, a arte oferece a possibilidade de existência. Sem ela – a arte – o homem pode apenas sobreviver à vida, sem qualquer chance de existência⁶. Como o Nietzsche destaca:

Vivemos, seguramente, graças ao caráter superficial de nosso intelecto, numa ilusão perpétua: necessitamos, para viver da arte a cada instante. Nossa visão nos prende às formas. Mas se somos nós próprios aqueles que educamos essa visão, vemos também reinar em nós mesmos uma força artista. (Nietzsche, 2007b, p. 27)

Em *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche aponta a dança como um auxílio para reflexão filosófica. O encontro de Zaratustra com a dança acontece na imagem da bailarina ao saltar e desafiar a gravidade. Ao girar em seu próprio eixo tal como um redemoinho, a bailarina expressa uma superação da gravidade, superação da própria condição física. Tal superação pode ser compreendida como uma superação da consciência, pois ao comparar o giro da bailarina a roda que gira por si mesma, Zaratustra diz: “uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer - sim” (Nietzsche, 1997, p. 102). Há, no rodopio da dança, uma ação que vai além da própria mecânica do movimento, uma pulsão entre a consciência e o deixar-se levar da bailarina onde a superação acontece. Ao girar, ainda que o movimento seja executado de forma consciente, com a física e a técnica como suporte para o giro, a bailarina não racionaliza por completo a sua ação, ela se deixa levar por essa pulsão que a alavanca no ar. O ato girar contém em si o ato da força artística, é nesta força onde notamos o impulso que move o ser dançante num movimento de arrebatamento que transcende a própria condição física. Numa comparação com as danças ritualísticas, podemos afirmar que esse impulso de arrebatamento provocado pela dança, esse largar-se da razão de si e da consciência é o próprio estado de transe provocado na e a partir da dança.

Essa força de criação arrebatadora, segundo Nietzsche, conduz o homem na superação da física e da consciência, ela é a dimensão da própria existência afirmada na beleza da superação pela arte. Para o autor, a bailarina que gira sem cair e sem parar, representa o homem que está no movimento constante de superação de si mesmo. Como afirma, Maria Rodrigues,

Com efeito, trata-se de uma experiência de superação. O giro possibilita a condição para a consciência aérea. Esta experiência, faz com que o bailarino gire ligeiro sob seus pés, ou, apenas sob um dos pés. Ele vai ter que vencer a peso do seu próprio corpo. Este corpo será

⁶ O termo existência aqui refere-se ao sentido de transformar a vida em uma estilística da existência, um modo de vida que é criado pelo próprio homem e que lhe dá o sentido de vida em todos os seus aspectos.

sustentado na medida em que ele dá o impulso necessário, no momento exato da superação pelo peso da gravidade. (2016, p, 13)

Deste modo, dança e filosofia são análogas na medida em que dão ao homem o suporte, a força, a vontade de potência para que assim como a bailarina que gira leve sem cair, o homem supere a si mesmo e superando a si mesmo, ele possa afirmar sua existência. Em linhas gerais, é essa superação de si como um posicionamento de vida, afirmação de si mesmo, o que o move Zaratustra em sua descida da montanha. Pois, tomado pelo brilho do sol que representa a luz e a sabedoria, Zaratustra pretende levar um presente aos homens, anunciar a morte de Deus e a necessidade de superação do próprio homem para tornar-se super-homem, responsável por uma própria existência em toda sua potência. “Quero ensinar aos homens o sentido do seu ser: que é o super-homem, o raio que rebenta da negra nuvem chamada homem.” (Nietzsche, 1997, p.44)

Podemos interpretar que o contato de Zaratustra com a imagem do corpo que dança em movimento de superação abre um horizonte de perspectiva acerca da vida em sua mais profunda necessidade de afirmação imanente no mundo. Imbuído da vontade de ensinar aos homens o sentido de ser, Zaratustra desce a montanha para sua jornada de superação e encontro com os homens. Em sua caminhada pelos povoados, Zaratustra entra em contato com os seres humanos em suas mais variadas versões e na medida que encontra os personagens/homens que cruzam seu caminho, ele profere seu discurso, isto é, o projeto do homem que supera a si mesmo, um super-homem (*Übermensch*) capaz de afirmar a si mesmo, justificando a sua existência por si mesmo. É importante ressaltar aqui que essa caminhada representa a história do ocidente contada e marcada pela tradição cristã e metafísico-filosófica. Ao narrar a caminhada e transformação do homem na busca por superação após a morte de Deus, Nietzsche tece toda uma crítica à tradição do pensamento em um movimento de ruptura com a metafísica e a filosofia.

O caminho das metamorfoses do espírito do homem, pelo qual Zaratustra nos guia, é fundamental para que possamos interpretar a relação entre a transformação-superação do homem e o próprio percurso de constituição da dança como arte que garante a existência. Pois, assim como o corpo da bailarina e sua dança estão em constante processo de aprendizagem e superação, a experiência das três metamorfoses em Zaratustra apresenta o homem como um projeto inacabado de natureza mutável. A metamorfose é o caminho para superação constante do homem, ela é o meio para ele tornar-se super-homem, transcender, tal como faz a bailarina em seu processo de rodopiar em seu próprio eixo sem sair. A transformação do homem, acontece, portanto, no percurso

da vida, ela – a vida - é o salto que o homem precisa dar para dentro de si mesmo na busca de sua transcendência, da plenitude da vida e repetição da história.

Em linhas gerais, podemos destacar que o caminho da transformação do homem, a transformação do espírito, é um caminho doloroso. Pela dor é possível haver a criação, a transmutação da dor em algo novo e belo, este belo é a própria vida moldada no e pelo homem que busca constituir a si mesmo diante da morte de Deus. Nietzsche aponta em Zaratustra a jornada da transformação que permite aos homens tornarem-se superiores, através de seu profeta. Ele nos fala sobre 3 metamorfoses e a forma “como o espírito se torna camelo e o camelo, leão e o leão, por fim, criança”, (Idem, p.51). Essas transformações acontecem na passagem pela desertificação no mundo após a morte de Deus. As 3 metamorfoses do espírito simbolizam a dor da transformação gerada pela insurgência do novo.

O espírito do camelo é o primeiro encontrado por Zaratustra, ele simboliza o espírito que trabalha pesado, obedece às ordens como orientação de vida. Nessa fase do camelo, o homem que trabalha pesado, suporta grandes fardos, é resiliente, se deixa tomar pelas dificuldades que a realidade lhe apresenta. É assim que o camelo representa o fardo, o peso que o espírito carrega no começo de sua travessia pelo deserto, o camelo é o espírito que tudo suporta. O espírito do leão, mais forte que o camelo, quer libertar-se desse fardo de tudo suportar, ele quer ser o dono de si, livre das amarras de um senhor. O leão simboliza a força do “eu quero” e, embora não crie novos valores, ele oferece a liberdade para que haja a criação. Essa criação vem com a transformação no espírito da criança. A terceira metáfora é o novo homem, renascido e pronto para uma nova vida, ela simboliza a inocência do recomeço, o esquecimento, início de um novo ciclo, a força da criação, impulso, a vontade de potência. A criança é a mais poderosa de todas as metamorfoses, o espírito infantil é livre, forte e criativo, compreende o amor pela vida, diz sim para existência e brinca com ela de forma espontânea, é o movimento dos seres pela sua vontade. É o espírito metamorfoseado em criança que ama, brinca e que dança a própria vontade de potência da vida sem peso algum. A criança é o salto do homem para dentro de si mesmo, é o rodopio livre da bailarina, é a superação do homem.

É na superação que está o presente de Zaratustra para os homens. Cheio da luz da sabedoria, Zaratustra oferece aos homens a possibilidade da transformação do seu modo de ser, modo este que se dá na superação de si. Superação que não deve *ser* compreendida como um movimento externo, mas sim num salto de interiorização na busca por uma transcendência, um

transbordamento, uma vida que é vivida nela mesma, num eterno retorno enquanto tempo que não tem começo e nem fim, que é circular e dá ao homem a noção de vida enquanto acontecimento único em que cada momento deve ser vivido em sua intensidade. Numa relação de semelhança entre o homem e a bailarina, o salto para dentro de si e o rodopio dançante, homem e bailarina transcendem a mera sobrevivência, afirmam seu ponto existente, o homem como super-homem, a bailarina como corpo-vida que se faz obra de arte. É aqui que o homem, artista de si, torna-se autor de sua própria existência, é a vida a sua principal obra de arte.

Portanto, na relação entre Nietzsche e a dança como expressão da liberdade, criatividade e movimento de superação, a dança foge do senso comum, transforma o que é normativo em um movimento de destruição, criação e constante transformação da vida, do corpo obra de arte. "A vida, interpretada como algo em constante mutação, encontra na dança sua metáfora plena de fluência imprevisível, leveza incorporada, graça transfiguradora e criatividade lúdica" (Mello, 2012, p.79).

Apolíneo e dionisíaco.

A transformação do artista em obra de arte acontece na superação do caminho da metamorfose apresentado em Zaratustra, no qual o filósofo relaciona o homem que dança ao filósofo. Essa superação pode ser melhor compreendida a partir da relação hora antagônica, hora conciliadora entre o apolíneo e o dionisíaco apresentada sob o ponto de vista da tragédia grega. É aqui, no seio da tragédia, onde a vida e arte são compreendidas a partir do que Nietzsche chama de "impulso da natureza", é nesse impulso que as forças da arte se desdobra/redobra sob duas perspectivas antagônicas e complementares: o apolíneo e o dionisíaco. Impulso esse que pode ser compreendido na poesia de Isabela Barakat⁷:

“ Eu vou dançar a impermanência
O ritmo, rismos que a vida mede...
... Eu vou dançar a inconstante
Métrica
O pulso irregular e

⁷ Isabela Barakt é artista, dançarina do ventre contemporânea, professora, pesquisadora, produtora e poetisa.

Assimétrico....

... Eu vou dançar as teias

Que esquinam nos

Encontros

A trama dos diálogos

Entre fios...

Eu vou dançar a beleza e a raiva

Da certeza do que não há

O certo...

... Eu vou dançar o percurso

Da bacia aos extremos

Do macro a nenhum

Movimento

A música do silente

movimento”.

Em *O nascimento da tragédia*, compreendemos que a música, junto a dança, é considerada o elemento fundamental da arte como meio de restituição da vida. Elas dão ao homem grego a capacidade de transcendência e suporte para que a vida seja possível de ser vivida. Essa união música-dança, segundo Nietzsche, acontece no teatro, é na arte teatral que é possível experienciar a forma pela qual a arte une a música dionisíaca ao aparato técnico apolíneo. O teatro é a expressão artística que conduz os homens e ao mesmo tempo controla a explosão dionisíaca, pois todo o seu aparato de cenário, formação do coro, sua estrutura arquitetônica, tudo é previamente pensado e contribui para conduzir as emoções, regular o impulso natural da arte dionisíaca. Para o homem grego, como aponta Nietzsche, a arte servia de meio pelo qual seria possível “refrear” o impulso pelo conhecimento. Ela, com sua potência de criação, põe o conhecimento à serviço da vida e não a vida à serviço do conhecimento, é o remédio para o conhecimento. O homem grego, por meio de arte,

afirma sua vida como potência criadora, que só é possível a partir da ilusão e da representação da arte.

Como nasce a arte? Como remédio para o conhecimento. A vida só é possível através das ilusões artísticas. A existência empírica condicionada pelas representações. A quem é necessária essa representação artística? Se o uno primordial precisa de aparência, seu ser é, então, a contradição. A aparência, o devir, o prazer. (Nietzsche apud Burnnet, Henry. 2012, p. 21. NT, 18; KSA 7, p. 1988)

É pensando na arte como o jogo de forças, que se opõem e se complementam, entre Dionísio e Apolo, que Nietzsche põe diante de nós o processo de transformação da vida em obra arte. O que o autor nos apresenta, ante a relação de forças da arte, é como o sofrimento provocado na destruição da tragédia traz consigo a ideia de uma arte que totaliza a vida, unindo-a em todos os seus aspectos. Uma arte-existência que, entregando-se à embriaguez dionisíaca, conecta o homem ao uno primordial, ao lugar no qual destituído de sua individualidade, o homem dissolve-se na natureza, torna-se universal, infinito, homem-natureza, sem distinção entre um e outro. Nesta perspectiva, podemos compreender como a arte trágica é posta a serviço da vida, pois, é ela o impulso da natureza que transforma o trágico no sublime, “traz de volta o grego sofrido, conforta-o, proporciona-lhe a possibilidade de transformar o horrível em sublime. (...) A arte em favor da vida - eis a chave do pensamento de Nietzsche. A arte transfigura o ser existente, mas só a tragédia exprime a crença na eternidade da vida” (Dias, 2011, p.94).

Grosso modo, podemos compreender a relação feita entre a arte apolínea e dionisíaca como a relação estabelecida entre a ordem, a técnica e o fruir emocional. O sonho e a embriaguez, em que a projeção de imagens, a imaginação figurativa, a arte da pintura, escultura e poesia representam a arte apolínea; e, o caos, a embriaguez, o deixar-se levar pela vontade representam a arte dionisíaca. A força de Apolo é a força da conservação, ordenação, da lei, ela revolve o homem no princípio da individuação. Já a música, a dança, despertam uma potência emocional que representa um abandonar-se ao sentimento próprio da embriaguez da arte dionisíaca, o êxtase, o que Nietzsche chama de “impulso artístico da natureza”, com o qual é possível alcançar o uno primordial.

Nesse sentido, enquanto Apolo organiza o mundo tirando-o do caos original, ordenando as forças da natureza, criando regras para dominá-las, Dionísio traz à tona tudo aquilo que escapa à ordenação apolínea, a explosão de uma vontade de potência que transborda o impulso emocional, destrói a ordem apolínea e, no êxtase de seu movimento, deixa vir à superfície o desejo de tornar-se

infinito, ser absorvido pela unidade originária, isto é, pela natureza, pelo universal. Como destaca Rosa Dias:

Sob o mundo das aparências, das formas, da beleza, da justa medida, está o espaço de Dionísio – o nome grego para o êxtase. Dionísio é o deus do caos, da desmesura, da deformidade, da noite criadora do som, é o deus da música, mãe de todas as artes. Nascido da fome e da dor, perseguido, dilacerado pelos deuses hostis, Dionísio renasce a cada primavera e aí cria e espalha alegria. (Idem, p. 87)

É importante ressaltarmos que a arte é possível a partir do confronto e da conciliação entre Apolo e Dionísio, técnica e emoção. É a técnica, a ordem apolínea que permite a criação, a imaginação, ela é o impulso para que haja o fruir dionisíaco da emoção. Assim sendo, Nietzsche apresenta a arte que surge de Apolo como legitimadora da existência do homem grego, existência que ao se deixar esquecer de si pela embriaguez de Dionísio, conhece o absurdo da existência. É nesse absurdo que o homem grego, o artista grego encontra uma forma de afirmar a sua existência de modo mais duradouro: na transformação do trágico, do sofrimento da aniquilação em algo sublime que torna a existência suportável, restaurando a vida em sua eterna vontade. “Somente a partir do espírito da música, entendemos a alegria diante do aniquilamento do indivíduo” (Nietzsche, 2007 a, p. 16). A música reproduz o que seria o uno primordial, o estado de natureza que traz um consolo metafísico.

Sob tal perspectiva, compreendemos a arte dionisíaca como a via através da qual é possível tirar o homem do sofrimento ante a dissolução da metafísica, permitindo-o tornar-se quem ele é, transforma-se de artista em obra de arte de si mesmo. Em outras palavras, livre das amarras metafísicas e do sofrimento da existência, o homem tomado pela possibilidade de ver a si mesmo e o mundo a partir do filtro da arte pode, então, tornar-se quem ele é a partir do deixa-se levar do seu corpo tomado pelo impulso dionisíaco. É aqui que reside a ideia de uma estética da existência, uma afirmação da vida por meio do corpo que se faz arte. É o corpo que, lançado no sopro da embriaguez, permite-se um fruir artístico da dança como expressão de si mesmo por completo, em união com consigo mesmo e a natureza primordial. É no fruir do corpo em estado de dança que se dá o encontro da arte enquanto meio pelo qual o homem pode ser como é, afirmar-se e criar a si mesmo como obra de arte, onde há a superação da metáfora, o consolo da ruptura com a metafísica. Dançando, o homem grego, tal como o espírito da criança, diz sim à vida.

Na arte, principalmente na música e na dança, vemos o corpo que abriga a luta antagônica e a conciliação entre a criação e a regra apolínea, entre o intempestivo e o êxtase dionisíaco, no

movimento guiado pela música, irrompe no corpo a embriaguez na qual o homem torna-se parte do infinito, diluído no fluir leve do corpo que transformar-se em vento, água, poeira, natureza primeira e última que traz em si a beleza de ser ela mesma a potência criadora da vida livre. Como afirma Nietzsche na segunda parte de *Humano demasiado humano*, parágrafo 74: Contra a arte das obras de arte: "A arte deve, sobretudo e principalmente, embelezar a vida, ou seja, tornar a nós mesmos suportáveis e, se possível, agradáveis para os outros". Este embelezar a vida não é, para Nietzsche, algo do ponto de vista do uso dos artifícios cosméticos e ou cirúrgicos para esconder uma realidade sem graça, trata-se de tornar a vida bela a partir da arte, sair do lugar confortável de criatura e tornar-se criador, artista da própria existência, afirmar a vida em toda sua natureza e vontade de potência.

Podemos então afirmar: é se deixando levar pela embriaguez dionisíaca que o corpo obra de arte transborda em um movimento de natureza selvagem sem começo e sem fim, rodopia e exclama: "Deixa eu dançar pro meu corpo ficar odara"⁸! Por fim, pedindo licença poética ao próprio Nietzsche em sua nota sobre o espetáculo Carmina, finalizamos com a alegre e potente constatação que ao deixar-se levar pelo impulso dionisíaco é possível sentir: "há uma deusa, e ela dança em mim".

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. Imaginação e matéria, in: A água e os sonhos. Traduzido por António de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BURNETT, Henry. Para ler o nascimento da tragédia de Nietzsche. São Paulo, SP: Loyola, 2012.

DIAS, Rosa. Nietzsche, vida como obra de arte. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2011.

MELLO, Ivan Maia de. O corpo criador, dançarino-poeta da própria existência. In: Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1º semestre de 2012 – Vol. 5, nº 1.

⁸ Trecho da canção Odara, composta por Caetano Veloso. Aqui também cabe mencionar o significado da palavra Odara, oriunda do lorubá e pode ser traduzida como lindo, belo. Tomando tanto a canção de Caetano numa livre interpretação como o sentido da palavra em lorubá: dançar tem o sentido de tornar o corpo e, consequentemente, a vida em algo belo.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

----- . O livro do filósofo. São Paulo, SP: Ed. Escala, 2007b.

----- . Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro, RJ: Civilização brasileira, 1997.

----- . Humano demasiado humano. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, Maria Norma Duarte. A metáfora da dança em Nietzsche. Faculdade São Bento: São Paulo, SP: 2016.

SANTIAGO GUERVÓS, Luiz Henrique de. Nos limites da linguagem; Nietzsche a expressão vital da dança. In: Cadernos Nietzsche, 2003, nº14.